REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 766

10 DE ABRIL DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

RAINHA E MONJA

Não tentarei bosquejar a biographia d'essa figura descommunal de mulher, de princeza, de esposa, de mãe e de religiosa que, terminada a sua missão no mundo, foi no retiro silencioso do claustro proseguir, com menor estreiteza de tempo e maior allivio de trabalhos, uma tarefa sacratissima: — a oração continua, a contemplação do grande mysterio de Deus e da eternidade...

Materia para um volume compacto accumula o chronista que metter hombros á empreza sympathica de nos esculpir essa venerada e veneranda figura que diriamos de uma epocha em que o mundo não andasse tão olvidado e tão arredio,— para não dizer tão divorciado — da virtude suprema, que é a comprehensão e a execução intemerata do proprio dever.

A princeza de Loewenstein que, sob o austero mas formoso habito monacal de S. Bento, hoje illustra as paginas d'esta revista, foi a esposa de D. Miguel I. O rei exilado perdeu o regio diadema mas achou em D. Adelaide Sophia aquella outra corôa de que nos falla a Escriptura Sagrada.

Disse-o um grande poeta, a quem a lisonja repugnava e a quem a sympathia não logrou ensombrar a verdade:

... Bebendo a taça amara
Do exul, no supplicio o teu amor o ampara!
Faz-se a princeza um anjo e uma lusa a allemã.
És o oasis no ermo, o orvalho no holocausto.
Em tudo e sempre, heroico esse animo transluz.
Com o exemplo paterno, o desprezo do fausto
Geras no filho, e, pobre, ao pobre frio e exhausto,
Tua mão a levar a esmolinha o conduz.
Depois, dizer-lhe: esquece, aprende, ama, confia,
Segue, submisso á Egreja, adicto á monarchia
Um só pendão o branco, um só emblema a cruz [1]

Quando a morte surprehendeu repentinamente o sr. D. Miguel de Bragança, a insigne viuva, rodeada de uma prole numerosa, não retirou aquella expressão tão envaidecedora para nós, pronunciada no momento de sua união matrimonial: «Orgulho-me de ser portugueza.» E como então, continuou a sel-o e é-o ainda agora, das veras da alma.

Uma commissão de partidarios do sr. D. Miguel foi, n'essa occasião, a Bronbach, desanojar D. Adelaide Sophia, que, ao apresentar seu filho, evidenciou mais uma vez os predicados singularissimos da sua intelligencia e do seu coração.

«Aqui está meu Filho — exclamou — a quem todos os dias digo, que primeiro seja um verdadeiro catholico, e logo depois tão portuguez como foi seu pae, e que todos os sacrificios que faça por Portugal, onde só deve vêr portuguezes, são poucos para poder pagar os heroicos sacrificios prestados a seu Pae, e aquelles que elle já deve aos portuguezes».

«Meu querido Filho lembra-te que a vida passa como o fumo. Teu Pae estava bom n'um dia, e no seguinte desappareceu; a vida é um sonho e tu tambem has de desapparecer; mas, quando a morte se approximar, só te ha de lembrar, se cumpriste ou não com os teus deveres; e lembra-te sempre que tua Mãe, como se estivesse deante de Deus e na presença d'estes portuguezes, te diz que prefere ver-te viver e morrer pobre a deslisares uma só linha da estrada que seguiu teu heroico Pae; que o seu unico pensamento era Portugal.

[1] Antonio Pereira da Cunha: *Selecta.*

«Assim o confio em Deus; pelo que a mim mais propriamente toca, só lhes digo que a Viuva de Dom Miguel sabe, graças a Deus, o que deve a si e a elle; digo-lhes tambem que se podesse ser mais portugueza do que já sou, sel o-hia n'esta occasião, pelas demonstrações tão catholicas e tão saudosas que Portugal tem feito a meu fallecido esposo, com quem fui tão feliz; e peço-lhes que agradeçam da minha parte a todos os portuguezes, a quem saberei mostrar que lhes consagro uma gratidão eterna.»

Este portuguez, tão grave, tão solemne e tão puro não sómente o fala, como tambem o escreve a monja de Solesmes.

A sua vasta correspondencia, merecedora de ver a luz da publicidade, é de um vernaculismo que demonstra quanto ella, com mão diurna e nocturna, volveu as melhores paginas dos prosadores e dos poetas lusitanos.

A sua memoria, companheira fiel do seu coração, conserva e recorda os nomes de todos aquelles que dulcificaram o exilio do esposo inolvidavel, e dos que ainda hoje lhe defendem a causa.

Depois de ter educado, na verdadeira escola da maternidade christã, o filho e as filhas, depois que elle e ellas constituiram, venturosamente, novos lares, alliando-se com familias de regia stirpe, a senhora D. Adelaide foi buscar outro esposo e outro throno: Jesus Christo e a cella de um claustro. Depois do rei mortal, o Rei immortal. Aquelle reinará sempre no peito dos seus fieis vassallos, — este nos corações de todos os portuguezes de que ella é uma grande e boa amiga.

P. F.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tornaram-se tão vulgares os attentados contra os membros das familias reinantes na Europa, que não mais que dois ou trez dias o telegrapho se occupou do ultimo crime de que foi theatro a estação dos caminhos de ferro em Bruxellas e que ia victimando o Principe de Galles, herdeiro da corôa de Inglaterra.

O criminoso é uma criança de quinze annos e, segundo os ultimos telegrammas, o juiz de instrucção adquiriu a certeza de que não houve conspiração alguma, mas que se tratava unicamente de uma aposta que Sipido, o menino terrivel, fizera com alguns amigos.

O Principe de Galles é o filho mais velho da Rainha Victoria, Imperatriz das Indias. Seu pae, o Principe Alberto, era irmão d'El-Rei D. Fernando.

Herdeiro da mais opulenta corôa do mundo, o Principe, que hoje conta perto de sessenta annos de edade, tem levado vida feliz, pois que o sceptro ainda não cançou o braço de sua mãe, decana dos soberanos europeus, e elle, afastado da politica, riquissimo, intelligente e sympathico aos inglezes, tem sabido não estragar a boa sorte com que uma fada boa o bafejou no berço.

A primeira versão, que correu relativa aos motivos do crime, dizia que Sipido disparára os dois tiros de revolver contra o Principe por este consentir que sejam na Africa do Sul assassinadas milhares de pessoas que estão combatendo pela justiça.

Ainda outras declarações similhantes lhe attribuem.

Os jornaes inglezes tornam responsavel do crime grande parte da imprensa continental, que, a proposito da guerra no Transvaal, tem movido os animos contra a Inglaterra.

Effectivamente o odio contra o inglez vai alastrando pela Europa inteira, o que não quer dizer que não fossem unanimes os protestos dos governos de todas as nações contra o brutal attentado de Bruxellas.

Em sessão da camara dos deputados, sexta feira, 6 do corrente, o sr. presidente, referindo-se ao assumpto, propoz que fosse lançada na acta um voto de congratulação por se ter mallogrado a tentativa criminosa. Associaram-se ao voto o sr. Dias Costa em nome da maioria, o sr. ministro da justiça em nome do governo, o sr. João Franco pela opposição regeneradora e o sr. Conde de Burnay como deputado independente.

Referiram-se os oradores á velha alliança de Portugal com a Inglaterra e foram justos relembrando certos factos da nossa historia em que a poderosa nação deveras se mostrou grande e magnanima.

Mas toda a medalha tem seu reverso e ha tambem para as nações o quarto d'hora de Rabelais. Os nossos quartos d'hora já dão uma boa somma d'annos.

É assim que a passagem das tropas inglezas atravez territorios portuguezes vai sendo motivo para muitos longos artigos em jornaes estrangeiros. A *Epoca* de Madrid trata do assumpto em artigo de fundo sob o titulo: *Ha infracção de neutralidade?* Os jornaes francezes, o *Eclair* e o *Matin* dão a noticia de terem sido pedidas por alguns governos explicações ao gabinete portuguez. Os jornaes austriacos e russos tambem se referem ao assumpto, chegando o *Novosti* a dizer que a Inglaterra se desconsiderou perante o mundo civilisado.

Já nas camaras portuguezas foi levantada a questão, respondendo o sr. ministro dos negocios estrangeiros que o estado actual da guerra na Africa do Sul não podia derogar os tratados anteriores, que Portugal não faltara aos deveres de neutralidade e que o facto fôra pelo governo portuguez communicado ao de Pretoria e ás potencias maritimas.

Se a politica externa preoccupa o governo portuguez, certas questões de administração chamam tambem as attenções geraes. Ao parlamento foi pelo sr. ministro das obras publicas apresentado, ha dias uma proposta de lei sobre vinhos, precedida por um extenso relatorio. E' um trabalho de grande importancia.

Mas tudo agora vai descançar. Estamos em ferias. Semana santa.

Collegios, escolas e lyceus fechados, fechados o parlamento e os theatros, fechados os tribunaes, esquecidos por alguns dias estudos, politica, divertimentos, demandas, abrem-se as egrejas commemorando o facto mais importante de toda a vida da humanidade, a morte do Senhor, a quem devemos a vida.

Na proclamação de Kruger ás tropas federaes encontram-se os seguintes periodos: «Irmãos, se deixaes de invocar o nome do Senhor, o medo virá e voltareis costas aos vossos inimigos. Não deixeis portanto de orar.»

A fé em Deus, que não ha de abandonar os que combatem pela justiça, tem dado enorme coragem aos soldados boers confiados na palavra de Deus, citada por Kruger. «Deus disse: Tende coragem e se vos faltarem as forças, eu vos tornarei fortes. A victoria está nas minhas mãos e não na multidão dos cavallos e dos carros.»

A religião vai muito abandonada entre nós. A fé dos boers lembra a nossa fé antiga, com que tambem os nossos velhos avós obraram maravilhas.

O tempo é santo agora, semana santa do anno santo, vem a pello uma queixa, que d'um contraste se gerou.

Ferias, ferias para todos menos para aquelles a quem a lucta não consente repouso.

Fecham os theatros durante tres dias; mas quantas novidades para sabbado de alleluia!

D'estas ultimas noites o facto mais falado foi o beneficio do grande mestre da arte dramatica, João Rosa, realisado no theatro D. Amelia com a representação da peça de Provins, *Degenerados*, admiravelmente traduzida por Urbano de Castro.

Bello titulo! Que bella carga a fundo na sociedade moderna de politicos sem escrupulos, de banqueiros ambiciosos, de mulheres sem pudor, onde conquistam posição os que sabem fazer uso das armas que teem por nome desvergonha, mentira, egoismo, trapaças, deslealdade. A comedia de Provins contem uma bella satyra, caso é ter olhos de ver como espilra sangue d'aquellas vergastadas. O primeiro acto em que se faz a apresentação de personagens, que todos mais ou menos conhecemos, é um verdadeiro primor. E se os outros não teem egual interesse, isso devido a já nos termos afeito á incontestavel originalidade dos moldes, conteem, entretanto, scenas de alto e incontestavel valor, sobrepujando a todas a dos dois refinados patifes, que a ninguem, nem um ao outro, enganam com suas apparencias classicas e banaes, exteriordadas ensobrecasacadas de homens de bem.

Não era de facil traducção a peça de Provins. O nome de Urbano de Castro foi um verdadeiro achado. A comedia nada perdeu do seu feitio espirituoso, sarcastico e mordente, que tanto era preciso conservar-lhe e que constitue seu principal merecimento. Não é indifferente o estylo, quando se trata d'uma satyra d'aquellas.

Nunca a Provins as mãos lhe dôam, que bem escolheu a victima para lhe dar bordoada de cego De cego que vê.

Pena foi que nem todos percebessem a extraordinaria lição d'aquelles tres actos cheios de verdade. A ironia não está infelizmente ao alcance da comprehensão de todos. Logo que a virtude não seja recompensada no final da peça nem castigado o vicio, parece-lhes a obra d'arte incompleta e poucos lhe sabem por si pôr o remate. Pois o auctor não deixou de lh'o dizer: «Não serão felizes e terão muito poucos meninos» O contrario do que succede nos contos de fadas.

Foi esta a ultima peça nova representada este anno no theatro D. Amelia. Brevemente terminam ali os espectaculos da companhia portugueza que no dia 20 deve partir para o Porto, onde vae dar dez espectaculos.

Para sabbado de alleluia annuncia-se a primeira do *Barril do lixo* no theatro da Rua dos Condes e a estreia no Colyseu d'uma companhia lyrica italiana. A opera escolhida para essa noite é a *Aida* de Verdi.

Depois das representações da companhia franceza no theatro D. Amelia, teremos tambem n'este theatro opera italiana pela companhia Giovannini, que, com grande exito, está actualmente cantando no theatro D. Affonso, do Porto.

Alegrem-se os amadores de musica.

Felizmente para estes as occasiões para applausos não lhe teem ultimamente faltado. Falâmos de musica, felamos ainda de musica, mas de boa musica, e d'alguns concertos de primeira ordem.

Realisou-se o primeiro no salão do theatro de D. Maria pela Sociedade dos Amadores de musica de camara, sendo o programma magnificamente executado, composto unicamente de obras de Haydn. Um bello emprehendimento. Dias depois a mesma sociedade realisou o segundo concerto, fazendo admirar aos ouvintes a primorosa execução d'algumas das mais famosas obras de Mozart.

No salão do Conservatorio de Lisboa, depois d'uma conferencia sobre Perosi feita pelo sr. D. Thomaz d'Almeida e Vilhena, foi executada a oratoria do grande compositor, *Ressurreição de Lazaro*, sob a direcção do maestro Alberto Sarti. Cantaram os solos as sr.as Viscondessa d'Almeida Araujo e Condessa de Proença-a-Velha e os srs. Alberto Macieira e José Eduardo Pinto da Cunha. Os coros eram compostos por senhoras da nossa primeira sociedade, distinctas amadoras, e a orchestra por cincoenta professores da associação musical.

A execução foi primorosa, como era de esperar. Um verdadeiro acontecimento na historia da arte musical em Lisboa.

Na sala Portugal da Sociedade de Geographia realisou-se no dia 30 do mez passado, com o concurso da sr.ª Lydia Ferrani e dos srs. De Luca e Andrés Perelló, um grande concerto extraordinario pela Real Academia de Amadores de Musica.

No salão do Conservatorio deu Rey Collaço um bello concerto em que foi coadjuvado pelos srs. Bahia e Garin professores d'aquelle estabelecimento e pelo sr. Goñi, director da Real Academia de Amadores. A sr.ª D. Laura Marques, que possue uma linda voz, cantou alguns trechos de bons auctores.

O gosto pela musica vai-se desenvolvendo em Lisboa. Em casa da sr.ª D. Sarah Ferreira Marques, realisou-se, ha dias, um encantador sarau musical, em que, além da dona da casa, cantora distinctissima, tomaram parte alguns artistas de S. Carlos.

Ao vermos com que actividade vão alguns procurando desenvolver entre nós o gosto pela mais sublime das artes, teriamos desejo, se não fosse anachronismo em terça feira de semana santa, de gritarmos: — Alleluia!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O TRIUMPHO DA EGREJA

Quadro do museu do Prado em Madrid

O precioso quadro que hoje apresentamos aos nossos leitores, tão apropriado á semana santa em que se publica este numero do OCCIDENTE, é das obras d'arte mais notaveis que se podem vêr no opulento museu de pintura do Prado em Madrid, onde está sob o n.º 2:188.

Sobre o auctor d'este quadro dão-se as mesmas controversias que com o auctor do quadro *Fons Vitae*, existente na Misericordia do Porto e

que já reproduzimos nas paginas do OCCIDENTE.[1] Os dois quadros são da mesma época e semelhantes no estylo da pintura.

Segundo Cavalcassele o quadro *Triumpho da Egreja* é de Huberto Van Eyck e classifica-o uma das melhores composições d'este artista; D. Pedro Madrazo, no catalogo do *Museu del Prado*, attribue-o a João Van Eyck; o sr. Moreira Freire, que fez um consciencioso estudo comparativo d'este quadro com outros de Memling, convenceu-se que é este artista o auctor de tão primorosa obra.

O sr. Moreira Freire faz a seguinte discripção d'este quadro, que attribue a Memling: «Está ali o seu estylo, o seu modo de pintar, de desenhar, por assim dizer, com o pincel, as figuras e os accessorios nas pequeninas imagens decorativas, que ornam e enchem as duas capellas abertas, n'aquella orchestra angelica, e n'aquellas elegantes figurinhas de santos com as suas longas barbas e as suas vestes talares. Todo elle, no correcto e fino traçado das torres e do grande corpo central, onde vêmos a magestosa imagem do Padre Eterno, tendo aos pés o cordeiro mystico, aos lados a Virgem e S. João Evangelista, e por cima a caracteristica e elevada agulha gothica, que termina a torre principal d'este formoso edificio. E para maior certeza de que a obra é sua, assignou-a com o seu retrato; ao lado esquerdo do espectador, aquella figura ajoelhada e com as mãos postas, é elle, é Memling. Comparem-se as gravuras do quadro na obra de Forster com o retrato de Memling, que vem na de Charles Blanc.»

JESUS CHRISTO E A SAMARITANA

O quadro que temos deante de nós, recorda a pagina do Evangelho que nos falla do encontro de Jesus com a Samaritana, em que o Divino Mestre revelou a sua sublime doutrina áquella filha de Samaria.

Junto ao poço sentara-se Jesus a descançar do caminho que trazia de Galiléa para Sichem.

O sol era a pino e o calor abrazava. Jesus pediu agua á Samaritana que vinha encher sua amphora.

A filha de Samaria extranhou que um judeu lhe pedisse de beber.

—«Como pedes tu judeu de beber a uma filha de Samaria!»

Jesus responde:

—«Se tu conhecesses o bom Deus e a mim que te peço de beber, tu lhe pedirias e elle te daria *agua viva*.» Estas palavras suaves revelaram á Samaritana a bondade de Jesus, despertando lhe no espirito, se aquelle seria o Messias promettido?

O Senhor então lhe prophetisou que ia chegar o tempo de adorar em espirito e com verdade o verdadeiro Deus que está em toda a parte. E a Samaritana foi a Sichem com a nova de que era chegado o Messias.

JERUSALEM

A opulenta e respeitavel Sião, a cidade de David, cahiu do seu antigo explendor e jaz hoje miseravel entre suas ruinas de que cada pedra é uma memoria de monumentos sumptuosos como o templo de Salomão.

Hoje é a cidade maldita, a cumplece da maior tragedia humana, que a lançou no abysmo, sem dar ouvidos ao seu propheta Jeremias que lhe annunciava a ruina, tanta era a perdição em que a via caminhar, dissoluta, corrompida.

Jerusalem a antiga capital do reino de Judá, é hoje uma terra de recordações para os viajantes de todos os paizes christãos, que vão ali vêr os *Logares Santos*.

Está situada entre o Mediterraneo e o lago Asphaltite a egual distancia por 31° 46' latitude N. e 33° 41' longitude O. Construida sobre collinas collocadas em amphitheatro, é dominada pelo monte Sião, tendo a O. o de Acra. Por entre ella estende-se o valle Hennom, e o de Josaphat, o bairro de Chaspha. A cidade era cercada por tres ordens de moralhas; fóra d'estas ficava o monte Calvario, que, hoje, quasi destruidas aquellas muralhas, se junta a cidade d'onde distava pouco mais de um kilometro.

A parte da cidade construida sobre o monte Sião, era a cidade de David pela qual aquelle rei trocou a de Sichem. Foi ali que Salomão mandou construir o Templo.

Sennacherib assaltou Jerusalem, mas não conseguiu vencel-a. Nabuchodonosor tres vezes a conquistou e destruiu-a por fim em 587. Entretanto Jerusalem tornou a levantar-se e a florescer com os tempos. A intolerancia, porém, dos seleucidas, foi motivo de graves desordens e carnificinas que terminaram pela rebelião dos machabeos que afinal venceram.

No anno 70 depois de Jesus Christo, Tito assaltou Jerusalem e deixou-a destruida. Dos seus monumentos nada resta de pé, comtudo por entre as ruinas ainda se póde vêr a varanda do palacio de Pilatos, denominada a *Varanda de Ecce Homo*, por ser d'onde o celebre delegado do Cesar mostrou Jesus ao povo, que pedia a condemnação do innocente.

A *Via Dolorosa*, é o caminho que vae do palacio de Pilatos até o Calvario, ainda se conserva assim como o *Monte das Oliveiras*. Depois d'isto resta a egreja do *Santo Sepulchro*, que no dizer de alguns historiadores foi construida 46 annos depois da morte de Jesus, no mesmo logar da sepultura do Redemptor, soffrendo varias reconstrucções depois, no sentido de a ampliar, conservando-se em prefeito estado.

[1] Vid. *Occidente* n.º 658, Vol. 20.º pag. 75 e 76.

Francisco Rafael da Silveira Malhão

(Concluido do n.º antecedente)

O illustre orador amava, em extremo, os sitios isolados; o seu desejo era viver ignorado. Por este seu genio, e porque era o prototypo da mais acrisolada virtude de modestia poucos foram os escriptos que deu á estampa; são elles os seguintes: a 1.ª parte d'uma collecção, intitulada a *Aldeia Christã*, que se julga perdida, como o estão as outras partes que escreveu, mas que não chegou a imprimir; os *Serões d'Aldeia*, folheto critico publicado na imprensa regia em 1830. A *Lyra Christã*, apreciavel collecção, em cujas paginas se respira o perfume da virtude que se evola d'uma alma honesta e d'uma intelligencia excepcional — paginas verdadeiramente adoraveis, d'onde resaltam as primorosas poesias que abaixo enumeremos, as quaes, por certo, não veriam a luz da publicidade, se para tanto não concorressem os louvaveis esforços do sr. José Thomaz Teixeira Ramalho; a saber: os *Threnos ou canticos ternos do propheta Jeremias*, paraphraseados em versos portuguezes; a *Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*; *As lagrimas da penitencia* (ode de L. Racine, traduzida em verso); *Hymno eucharistico*; o romance historico da apparição da Senhora d'Abobariz, freguezia d'Amoreira, concelho de Obidos, em cinco cantos consagrados a Maria; a ode em resposta á do sr José da Silva Mendes Leal;[1] *O soldado* (canção); *Cartas d'Augusto a Paschal ou a Aldeia Christã*; a poesia extrahida do romance a *Cruz e a Espada*; e muitos outros sonetos e poesias.

N'um d'esses brilhantes sonetos, e na primeira quadra d'outro, deu elle uma inequivoca amostra do amor que tinha pelo seu torrão natal:

«Não sei que mel tem esta pobre aldeia
Para estranhos e gentes que aqui vem,
Que em pondo aqui o pé, não ha ninguem,
Que os faça separar d'esta colmeia.

«A terra não tem jogo ou assembleia;
Passeios, jardins bons não ha tambem.
Só passeiam nas ruas, que é o que tem,
Mas esse pouco que há os enleia.

«Prende a todos não sei com que attractivos;
E lembro-me que sendo ainda rapaz,
Do mesmo se queixavam os antigos;

«Emfim, tão bom caminho a todos faz,
Que até Caim e Abel, sendo inimigos,
Passeiam n'esta terra em boa paz.»[2]

«Oh! patria minha, oh patria encantadora,
Antigo alcaçar, Obidos amada,
Se por braço infiel edificada.
Ha seculos da cruz adoradora.»

[1] «Quem levou a carta para a o sr. Malhão foi o criado das compras Vicente Peres, com recommendação do sr. Mendes Leal que perguntasse no acto da entrega, quando deveria ir buscar a resposta: o que Peres cumpriu; e por isso o sr. Malhão, logo lhe disse que fosse fazer as compras e voltasse: assim fez o criado; e quando voltou, já o sr. Malhão o esperava para lhe entregar a resposta. O sr. Leal teve uma grande surpreza quando a recebeu: elle mesmo diz nos seus *Canticos* que o sr. Malhão *respondeu immediatamente*.»

[2] Os individuos eram os srs. Abel Maria Jordão Paiva Manso, juiz de Fora, em Obidos, e o advogado Francisco de Paula de Carvalho Garcez, os quaes eram inimigos figadaes. D'aquelle aproveitou o proprio nome, e a este chamou Caim, como seu antigo adversario, ou pelo seu genio conhecidamente irascivel.

Occorre-nos á lembrança que outras esplendidas poesias não foram publicadas na *Lyra christã* por suppôrmos que d'ellas não teve conhecimento o sr. Ramalho, embora disseminadas nos almanachs de lembranças do seu erudito fundador, o sr. Alexandre Magno de Castilho, as quaes são: *O missionario e o philosopho; A cruz do deserto; A paz do tumulo*, (imitação d'uma poesia allemã); *A avesinha e o mosteiro; A flor do Valle-Bemfeito*; e na revista hebdomadaria *O Recreio*: *A saudação do Peregrino á Nazareth*, que é uma pagina de ouro pelas recordações historicas que ella evoca, e em que o evangelico poeta põe em fóco de evidencia a belleza e sublimidade do quadro, que se descobre d'uma pequena eminencia denominada — o *Alto da Barca*, outr'ora porto da Barca, d'onde foi inspirada esta genial poesia, da qual apenas citaremos algumas estrophes para não avolumarmos esta singella biographia:

Que magestoso painel!...
Quanto és linda ó Nazareth
Tua vista graciosa
Retempera, alenta a fé,
Sympathica, viva acção
Exerce no coração

....
....

Que variedade de scenas
Todas d'encanto e prazer!...
Ou mais olhos, ou mais tempo
Precisava agora ter.
Resumiu toda a belleza
N'um só quadro a natureza.

....
....

Larga materia apresentas
Ao historico escriptor,
Ao cultor das bellas artes,
Ao genio do trovador,
Entretens o sabio, o artista,
O poeta, o romancista.

....
....

Recordas do sceptro godo
A triste funesta sorte,
De Rodrigo a penitencia,
De Romano a santa morte,
E a mercê que a Virgem fez
Ao guerreiro portuguez.

....
....

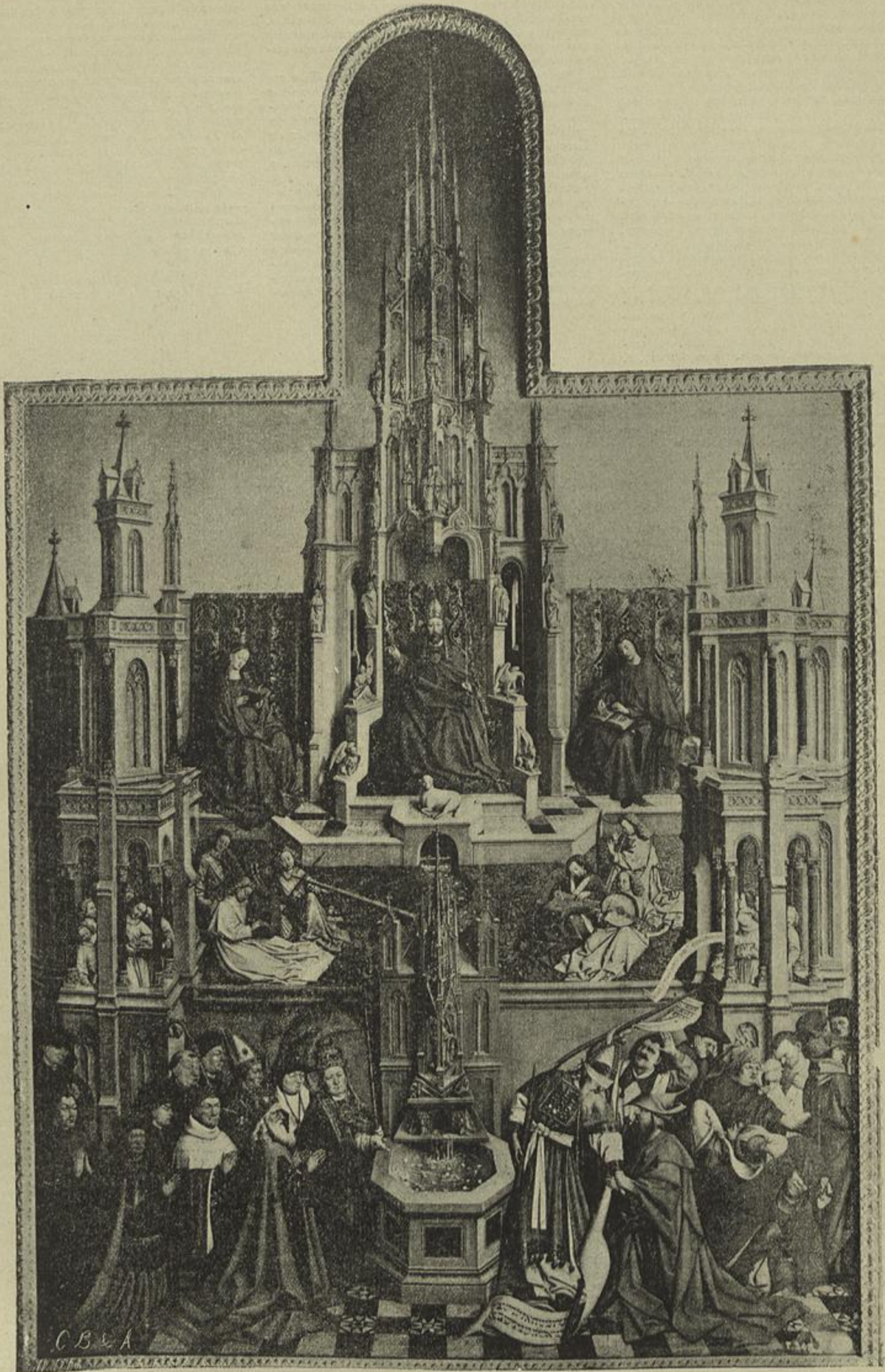
Mas além d'estas, quantas perolas do seu poetico talento não estarão perdidas?!...

Apostolo do bem deixa seu nome vinculado á egreja do Santissimo Coração de Maria, que, a expensas suas e de seus amigos,[1] erigiu no logar de Olho-Marinho, termo da villa d'Obidos, e que fez concluir com o producto dos primorosos sermões, que mandou publicar. E só volvidos muitos annos depois da sua morte é que foram editados pela antiga empreza dos srs. Mattos Moreira & C.ª, actualmente Tavares Cardoso & Irmão, outros sermões, tambem notaveis pelo profundo saber d'este egregio orador.

Sua vida foi uma lucta continua pelo bem. Votado á existencia humilde a que se condemnára, vivia, nos ultimos annos, melancholico, muito enfraquecido pela doença e scismatico. O seu estado de saude aggravava-se consideravelmente de dia para dia. Sob este aspecto, já de si bastante grave, não tardou que a sciencia se manifestasse impotente ante a pertinacia da doença, que ha muito o minava, não obstante os cuidados de sua irmã, enfermeira desvelada; e avisinhando-se o desenlace fatal, como estava previsto, apaga-se a luz da vida d'este sublime orador e poeta a 10 de novembro de 1860, dia lugubre e triste para a desventurada e virtuosa senhora, que tão nobre e

[1] Para o frontespicio d'esta egreja escreveu o grande poeta a seguinte inscripção:

Ao coração de Maria
Sempre puro e Immaculado
Pelo povo e seus amigos
Foi este templo consagrado.

Ninguem, por certo, põe em duvida o altissimo valor moral d'esta inscripção. Pois affirma-nos o distincto collecionador das poesias da *Lyra Christã*, que esta inscripção deu motivo a uns despeitos, dignos de censura, a que Malhão deu uma resposta condigna em um artigo critico, — que foi aceite, com justo louvor, pela gente mais sensata do concelho.—

O TRIUMPHO DA EGREJA — *Quadro do Museu de Madrid*

santamente acompanhou a torturada vida de seu querido irmão.

Vestiram-se de lucto os pulpitos, de que elle era distincto ornamento.

> ... «mas as notas
> sahidas da sua lyra
> divagam pelo infinito,
> onde a harmonia suspira.»

E ao passo que a imprensa d'então rendia saudoso preito á memoria do primeiro orador sagrado d'este paiz, escrevia, a seu respeito, um litterato, nosso contemporaneo, e quasi seu patricio, com um sentimento de profunda magua estes periodos: «Pagou-lhe mal a sua terra, e a gente que o cercava pouca saudade pareceu sentir, quando nhores ministros da nossa terra que teem sempre dinheiro para mandarem patetas passear em commissões, nunca encontraram maneira de estabelecer uma pensão a uma irmã do poeta, senhora idosa que ficou em desgraça, e que havia sido a companheira constante da modesta e sublime existencia do primeiro orador sagrado do nosso paiz!»

Profundamente triste!

Mas, para quebrar-se a frieza habitual dos nossos costumes com louvavel brio e d'um modo significativo e alevantado, bastaria que a illustrada camara municipal do concelho d'Obidos, á similhança do que se fez em Beja ao extincto orador e poeta, o padre José Agostinho de Macedo, mandasse collocar no predio, onde nasceu e morreu o grande orador e poeta, Francisco Rafael da Silveira Malhão, uma lapide, em que se commemorassem as datas do seu nascimento e fallecimento, para assim se perpetuar a memoria d'este venerando vulto, um dos seus mais notaveis compatriotas, e uma das maiores glorias litterarias do nosso paiz.

Lino T. F. da Costa.

JESUS CHRISTO E A SAMARITANA

a sua alma voou para Deus. O enterro que deu logar a tantas miserias, que nem se citam, foi acto indifferente para os d'alli.

Poucos o acompanharam na vida; na morte não o acompanhou ninguem. Uma frieza glacial pareceu acolher a queda do poeta sagrado, que, todavia, para as glorias da localidade significava a queda completa d'aquella villa, outr'ora illustre. Coisas portuguezas! A poetica Allemanha symbolisou por uma forma bem diversa a morte de João Paulo. Não era um cavallo de batalha coberto de crepe, que acompanhava o feretro d'aquelle que combatera tanto tempo pela causa do bello e do bom; melhor espectaculo e melhor gloria foi: um principe vestido de lucto levava n'uma almofada bordada a oiro o ultimo manuscripto do grande homem, o seu livro incompleto da *Immortalidade da alma;* acompanhava-o um povo inteiro, e erguiam-se córos entoando o hymno de Klopstock: —Erguer-te-has, ó alma!

O pobre Malhão, porém, morreu pobre e só, ao canto da villa, sem o entender ninguem; e os se-

A PADEIRA DE ALJUBARROTA

As tradições de um povo são o orgulho da sua raça, os pergaminhos da sua ascendencia; sem passado que o ennobreça, sem recordações que o vigorisem, sente-se mal no presente e não confia no futuro.

Carecendo de exemplos de estimulo ou de precedentes de orientação, as nacionalidades correm o grave risco de se inutilisarem no indifferentismo ou de se perderem nos dédalos de uma existencia vaga, sem base segura.

Só grandes faculdades de espirito e de trabalho podem supprir a falta de uma tradição honrosa, construir, n'um momento, o que é obra de seculos.

Quando um conjuncto de circumstancias imperiosas e fataes restringem a actividade nacional, cingindo-a, exclusivamente, a um labor vulgar, sem ideaes, um preterito de glorias será o lenitivo das suas maguas e a esperança de melhores dias. Assim como a felicidade nem sempre nos sorri, assim a desventura nem sempre nos victima.

Felizes, pois, os povos em cuja historia ou lenda se leem paginas de ouro, porque d'ellas se irradia o calor que anima e enthusiasma e não o frio que enregela e mata.

Portugal, graças aos meritos de seus filhos e aos caprichos da sua boa estrella, orgulha-se de possuir uma tradição brilhantissima. O espirito extasia-se ao contemplar a multiplicidade e grandeza de quadros de imponente realidade, poeticamente, emmoldurados, alguns, com as phantasias mais graciosas, ou com as lendas mais cavalheirescas, e embora, no desenho epico, se divise, por vezes, um traço sombrio, a pintura pouco perde e impõe-se sempre pela exuberancia da varonil belleza.

Uma das paginas mais suggestivas da historia patria acha-se impressa no grandioso monumento da Batalha, imponente epopêa de marmore, em que se canta a piedade e ardor bellico de um principe, idolo do seu povo, personificação de excelsas qualidades, tão distinctamente, transmittidas á sua prole, a qual, no tacto politico, na valentia nautica, no talento litterario e nos dotes de coração, soube conquistar unanimes sympathias e justissima admiração.

No dia 14 de agosto de 1385, um exercito castelhano de perto de quarenta mil homens, recebeu uma tremendissima derrota, nos plainos de Aljubarrota, d'um punhado de seis mil portugue-

zes, ás ordens do Mestre de Aviz e do intrepido Condestavel,

«E porque mais, aqui, se amanse e dome
A soberba do inimigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.»

(Lus. Canto IV, Est. XLI.)

O brio portuguez excedeu quanto possa imaginar-se de mais audaz e heroico.

O numero avultado dos adversarios e a superioridade do seu armamento [1], nada intimidou os guerreiros lusitanos, que, inflammados na justiça da sua causa conquistaram a corôa da immortalidade. O monarcha de Castella, victima da triste realidade, transido de susto, receiando, qual Xerxes, d'outr'ora, a perda da propria existencia,

«O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá não pés, mas azas, á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da fazenda dispendida,
Da mágoa, da deshonra e triste nojo,
De vêr outrem triumphar do seu despojo [1].»

(Lus. Canto IV. Est. XLIII.)

Porém, não nos deslumbremos só com o brilho das espadas e dos arnezes, façamos justiça ao elemento popular, que, n'esta grave conjunctura em que tanto perigou a sua independencia, soube dar provas bem frisantes de valente patriotismo. E não só os homens, que a esses, emfim, corre o imperioso dever de se arriscarem pela defeza dos seus lares, mas as mulheres, que se elevaram, algumas, á altura de verdadeiras heroinas.

A tradição regista, com louvor, *Maria Annes*, acudindo a seu marido, prestes a succumbir em lucta com tres castelhanos, prostrando-os a golpes de espada; *Iria Vaz*, promovendo um levantamento contra o partido de D. Beatriz, filha de D. Fernando e casada com D. João I, de Castella; *Maria Sousa*, matando dois degenerados portuguezes, D. Alvaro Gonçalves Sandoval e Gonçalo Nunes de Gusmão, e, acima de todas, *Brites de Almeida*, a famosa, a celeberrima *Padeira de Aljubarrota*.

Vulto historico, ataviando-se com os attributos da verdade, ou lendario, revestindo-se com os caprichos da ficção, é, sempre, uma creação genuinamente portugueza, um producto do meio cavalheiresco, medieval, em que tanto se distinguiu uma raça de fortes, cujo civismo, só encontra digna celebração na lyra sonorosa de Camões.

«Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.»

(Lus. Canto I. Est. V.)

A vida de Brites ou Beatriz d'Almeida, por antonomasia, a *Pisqueira*, é um perfeito tecido de extraordinarias aventuras. Completamente destituida de todas as graças e attractivos do seu sexo, esta mulher original é o typo da verdadeira virago. Nasce para os perigos, encontra-se nas mais difficeis situações, a morte ameaça-a, a cada instante, mas triumpha, sempre, pelas suas qualidades singularmente viris.

Dizem os seus biographos, que era, extremamente, alta, magra, mas de hombros largos, de semblante sombrio e muito pallido. Os cabellos eram crespos, os olhos pequenos, o nariz adunco, a bocca rasgada, os labios grossos, e, para cumulo de imperfeições, tinha... seis dedos em cada mão!

Com este ultimo e estranho predicado, «parece, como bem diz um dos seus panegyristas, que a natureza, por lisongear o seu valor, quiz dar, com o augmento dos dedos, mais motivos ao esforço de suas mãos.»

[1] N'esta batalha, ouviram os portuguezes, pela primeira vez, o troar d'artilheria. Foram dezaseis as bombardas ou *trons*, com balas de pedra, que os hespanhoes trouxeram e que deixaram ficar em nosso poder.

[1] Entre os despojos do exercito castelhano, figura a celebre caldeira que, durante muito tempo, se conservou no claustro de Alcobaça. Foi apprehendida e offerecida a D. João I, pelo capitão Gonçalo Rodrigues, que, para recordação d'esse facto, tomou para si e sua familia o appellido de *Caldeira*. O seu tamanho era tal, que, dizia-se, n'ella podiam cozer-se quatro bois, ou preparar-se refeição para trezentas pessoas!

Conta-se que Filippe II, quando visitou o mosteiro de Alcobaça, vexado com a vista da enorme caldeira, que lhe recordava uma pagina tão ignominiosa da historia da sua patria, resolvera desfigura-la, mandando-a fundir, para a converter n'um sino, a que certo fidalgo que o acompanhava o dissuadira, dizendo-lhe: «No, señor, dejenla estar asi, que si suena tanto siendo caldera, que será si llegare a ser campana?»

Nasceu, de paes obscuros, em Faro, no anno de 1345. Animada, logo de verdes annos, por um espirito inquieto e bellicoso, quando orphanou, aos vinte e seis annos, empregou parte do seu pequeno patrimonio na compra de armas, exercitando-se no seu manejo e preparando-se, assim, para futuros commettimentos.

Vivendo em Loulé, onde tinha arrendado umas terras de cultura, ahi, foi requestada por um sol dado alemtejano, que, pouco escrupuloso em questões de belleza, lhe propôz casamento. Brites acceitou com a extravagante condição de brigarem, se fosse vencida, casaria. Travou-se a lucta, mas o pobre pretendente perdeu a vida.

Perseguida por homicida, a nossa heroina viu-se obrigada a fugir; foi a Faro e tomou um barco com destino a Hespanha. Os ventos, porém, desviaram-na da costa e foi aprisionada por um navio barbaresco que a conduziu para Argel. Ahi, foi vendida a um commerciante turco que tinha dois escravos portuguezes; inquietou-os, e fugiram os tres, depois de matarem os outros servos da casa que se oppunham á fuga.

Embarcaram n'uma lancha, previamente, preparada e fizeram-se ao largo, mas, foram assaltados por grande temporal, e no fim de fortes inclemencias, inclusivé, a falta de mantimentos, foi parar Brites, á Ericeira, depois de ter perdido os seus dois companheiros.

Mais morta que viva, extenuada pela fome e fadiga é retirada da pequena embarcação e levada para casa de uma caridosa familia, d'aquella localidade, que, com os seus cuidados, em breve a restabeleceu.

Procurando vida, vestiu-se de homem e fez-se almocreve. Trilhando os caminhos, no exercicio de tão penosa profissão, entra n'uma hospedaria para tomar alimento, mas, provocada por uns companheiros de mesa, bate se com elles, denodadamente, vence-os e montando, de novo, o seu cavallo, põe-se a caminho.

Depois de algumas horas de marcha, ouve gritos afflictivos, aproxima-se do logar d'onde partiam e vê, preso a uma arvore, muito maltratado, um pobre homem que lhe pedia soccorro.

Compadecida, apeia-se, desliga o infeliz, que lhe declara ter sido victima de um assalto de ladrões, e, caridosamente, o conduz a casa d'elle, onde, tratada com o maior reconhecimento, permanece algum tempo.

Porém, o seu genio aventuroso não lhe permitte que continue a utilisar se do bom acolhimento d'aquelle, a quem tinha soccorrido e resolve proseguir na sua industria de recoveiro.

Longe de se pacificar, a nossa temivel Brites d'Almeida, encontrou-se em nova turbulencia, travando-se de razões com um seu companheiro de trabalho e tirando-lhe a vida com a maior semcerimonia. Presa, por este delicto, é encarcerada em Lisboa. Teve, comtudo, artes de se libertar, em pouco tempo, e retirando-se da capital, embarcou para Vallada.

Ahi, foi contractada para ajudante de uma padeira, em Aljubarrota; tomou conta do cargo e veio a herdar o estabelecimento, [1] que deveria ser o glorioso theatro da sua bem conhecida façanha.

A memoravel batalha de Aljubarrota terminou ao anoitecer e os castelhanos, fugindo, loucamente, em todas as direcções, procuravam esconderijo, onde se abrigassem da furia do povo, que era implacavel. Sete d'esses infelizes, encontrando a porta da habitação, de Brites d'Almeida, aberta, que ella não fechara, talvez, pela precipitação com que sahira para dar caça aos inimigos da patria, introduziram-se na casa e, á cautella, fecharam-se para, com mais segurança, passarem as horas de maior perigo.

Mas, terrivel fatalidade, a virago volta e, cheia de suspeitas, arromba a porta, depois de ter batido, inutilmente; entra, cautellosa, procura a gente intrusa e abrindo o forno depara com os pobres hespanhoes, que ali, se tinham refugiado, como ultimo reducto.

Com voz imperiosa, ameaçadora, semelhante ao signal da trombeta, de que nos falla o poeta, ordena, ás victimas, que saião, mas a prudencia ou o medo immobilisa-os e ficam-se na *doce* quietude,

[1] Era, esta casa, situada na *Rua Direita*, freguezia de S. Vicente, com duas janellas e um forno pintado no exterior.

Por morte de Brites, passou para outra proprietaria, por alcunha a *Tubarôa*, e, por falta d'esta, foi annexada ao celleiro do convento de Alcobaça.

É tradição que os naturaes de Aljubarrota, querendo perpetuar a memoria da inclita mulher, que tanto os illustrou, calçaram uma rua, que começava junto á egreja e chegava até á casa da immortal padeira, com os ossos dos castelhanos mortos na batalha! Era, esta, a *rua d'amargura* dos nossos visinhos hespanhoes, que, ao contemplarem-na, deviam sentir empallidecer a sua proverbial arrogancia.

fingindo-se adormecidos; não lhes perdôa, porém, a deshumana forneira que, a golpes repetidos e vigorosos da sua pá, os mata sem dó!

Outros, suspeitam que a façanha se não praticára d'este modo, nem, tão pouco, como representa uma antiga gravura, recebendo os hespanhoes a mortal pancada com a pá, á medida que, iam sahindo, a um e um, do forno; suppõem mais rasoavel, que o morticinio se dera em campo raso, combatendo a denodada mulher com os adversarios que, cheios de temor e de fadiga, se deixariam facilmente vencer; baseiando-se em que, seria mais natural que os fugitivos, dispersando-se pelos campos, procurassem antes, ahi, abrigo, aproveitando, depois, as trevas da noite para se refugiarem nas povoações que lhes eram fieis, de que viessem recolher-se nas proprias casas dos seus inimigos e perseguidores de quem só tinham a esperar a prisão ou a morte.

Fosse como fosse, o que é certo, é que a terrivel pá (de ferro com cabo de madeira) instrumento da matança, em qualquer das hypotheses, se conservou, como preciosa reliquia, por muito tempo, na egreja matriz, d'onde sahia na procissão que todos os annos se realisava, no dia 14 de agosto, em commemoração da gloriosa batalha.

Mais tarde, foi, cuidadosamente, guardada nos Paços do Concelho e, ahi, com louvavel zelo, occulta, por Manuel Pereira de Moura, em uma parede, quando começou o dominio filippino, só reapparecendo, festivamente, em 1640, com a acclamação de D. João IV.

A heroica villa de Aljubarrota, ostentando-a no seu honroso brazão, conservando-a, como patrimonio querido de sagrado patriotismo e commemorando-a em lapidar inscripção no edificio do antigo municipio, orgulha-se, com justificadissimo motivo, d'essa rude clava, brandida por essa varonil mulher, cuja existencia, cortada por tantos lances dramaticos e por tão romanticas peripecias, veiu a ter o seu termo fatal, aos quarenta e oito annos de idade, na doce paz da familia, deixando, na viuvez, um rico e honrado lavrador com quem casára, pouco depois do seu brilhante feito, e na orphandade, uma filha de seis annos, que, girando-lhe, nas veias, sangue tão varonil, seria, muito naturalmente, capaz de, por sua vez, revelar-se com o espirito de sua mãe, se as circumstancias assim o exigissem.

A historia de todos os povos, acha-se matizada de factos que pertencem mais ao dominio da crença que da razão.

O civismo é uma verdadeira religião com os seus santos e os seus milagres; acceitam-se, na sua efflorescencia maravilhosa, mas não se discutem.

Submettel-os á analyse philosophica, é tirarlhes a graça, o perfume; pesa-los no conceito que resulta d'essa analyse é, muitas vezes, aniquila-los, reduzi los a pó, fazendo substituir o respeito que merece a convicção, embora ingenua, pelo riso que merece a puerilidade.

N'este caso, está, talvez, a padeira de Aljubarrota e as suas proêzas.

Não procuremos reduzir a tradição aos limites do que parece mais razoavel, isso é profana-la, é roubar-lhe o caracter.

Brites d'Almeida está canonisada pelo espirito popular; os seus feitos são seus prodigios. É uma individualidade do agiologio do patriotismo, não sejamos iconoclastas apeando-a do seu pedestal.

Que importa que reunisse os mais singulares attributos physicos e moraes, se ella é a encarnação do brio nacional, do valor portuguez?

Que importa que a sua vida seja um conjuncto de acções originalissimas, se essas acções constituem o indispensavel meio para se evidenciar, em subido grão, a iniciativa resoluta e patriotica do espirito lusitano?

Honra, pois, á memoria d'essa extraordinaria mulher que, tão intrepidamente, illustrou a sua nação.

Damasceno Nunes.

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

Filippe II facilita a introducção por terra de aquellas qualidades de panno e mais generos de manufacturas de Castella, que anteriormente só podiam entrar pela foz, adoptando o methodo das avenças de que tratavam os capitulos LIII e seguintes do foral da Alfandega de Lisboa.

Depois das Ordenações de 1603, um grande numero de pragmaticas veem entravar a industria.

São a de 29 de outubro de 1609, as provisões de 23 de janeiro e de 4 de outubro de 1610, o alvará de 28 de janeiro de 1611; etc.

Por esta epoca apparece-nos um illustre fidalgo, de nome Maximo de Pina Marrecos, cuja actividade se mostra digna de elogio; recebe varias licenças, entre um longo periodo de 1583 a 1616, para o estabelecimento de diversos engenhos de sua invenção, e em especial para uma fabrica de vidros perto da villa de Asseiceira.

Em 1618, os trapeiros de Beja fazem uma representação dizendo que no termo da cidade havia seis pizões em que elles e todas as pessoas que faziam pannos os apisoavam; porém que esses pisões estavam affastados da cidade de legoa e meia a quatro legoas, e que por causa d'esta distancia os pizoeiros usavam de cardas de ferro, o que era contrario ao regimento do officio. Pediam, pois, para que de seis em seis mezes se procedesse a um varejo e que os pizoeiros, a quem se encontrassem cardas de ferro, fossem devidamente punidos. A isto el-rei, por alvará de quinze de junho do referido anno, deferiu mandando ás suas justiças que varejassem como se requeria.

N'este anno de 1618, a industria mineira obtem um notavel regulamento, o das minas do Brazil.

Em 1620, contam-se em Lisboa 13 mestres de porcelana e tinha-se feito grandes progressos, porque não sómente se imitava a faiança chineza mas até se exportava a nossa.

O fabrico dos relogios hydraulicos e de sol tinha tambem alguma importancia.

Sem remontarmos á introducção da relojoaria portugueza no Japão em 1550, notaremos que Frei Nicolau de Oliveira, nas suas *Grandezas de Lisboa* diz que havia na cidade tres relojoeiros de relogios de sol e tres de ferro. Em Coimbra havia em 1610 uma officina de relogios de Antonio Nunes, official tão *primo* e *cadimo* que era juiz do seu officio. [1]

Em Evora, havia um outro relojoeiro, de nome Francisco Fernandes, o qual em 1602-1608 fizera varios relogios, entre elles o de quartos da sé.

N'este reinado conhece-se o nome de um relojoeiro hydraulico notavel, Estevão Pimentel de Brito, dos Açores.

A' cubiça dos Filippes deveu a industria oleica as mais odiosas exacções. É obra sua o intitulado *beneficio do bagaço da azeitona*, pelo qual o governo hespanhol mandava tornar para a fazenda regia todo o bagaço dos engenhos de fazer azeite com o fim de o mandar novamente expremer [2]. Ao contrario a producção vinicola, nos ultimos vinte annos da dominação hespanhola, abastecia os mercados internos e externos e exportava para a India, Africa, Brazil, ilhas, Flandres e outros paizes da Europa.

D. João IV começa por promulgar varias pragmaticas, sendo para notar as de 18 de maio, 7 e 18 de julho de 1643; e ainda a de 9 de julho de 1644.

Como elemento de defeza a industria equina mereceu ao monarcha restaurador as mais energicas disposições. Em 4 de abril de 1645 cria os logares de superintendentes das coudelarias.

Occupado com a guerra da restauração, não é para extranhar que o monarcha olhasse pouco para a industria nacional. N'essa epocha dava-se mais valor á victoria no campo da batalha do que no mercado commercial.

Em 1654, em virtude de um tratado, estabelece-se no Porto a primeira *feitoria* ingleza, para a exportação dos nossos vinhos. No anno de 1678, sahiram pela foz do Douro 408 pipas de vinhos finos.

Em 1655 apparece um regulamento para as minas de estanho de Vizeu, Guarda e Traz-os-Montes.

As saboarias do reino são doadas ao infante D. Pedro, por carta de 12 de outubro de 1656. Contam-se entre ellas as de sabão branco do Porto, villas e logares das comarcas de Traz-os-Montes e Entre Douro e Minho, vagas por morte de D Maria Portugal, sua ultima donataria.

Desde a regencia da rainha *D. Luiza de Gusmão* até á renuncia do throno por parte de *D. Affonso VI*, o paiz só se manifesta nas victorias da guerra da acclamação. Badajoz, Ameixial, Montes

[1] *Primo* quer dizer habil; *cadimo* que usava sempre o mesmo officio.

No seculo XVI o Desembargo do Paço concedia por provisão certos privilegios aos officiaes mechanicos que fossem *cadimos* nos seus officios. Entre esses privilegios distinguia-se o de suas viuvas ou herdeiros poderem vender ao miudo, durante um ou dois annos, os productos que da sua industria elles tivessem manufacturado para vender na sua loja.

[2] Ver no Archivo Municipal de Lisboa o regimento de 15 de outubro de 16 0 e o seu accrescente de 28 de julho de 1631.

Claros, Castello Rodrigo, etc., não permittem repouso que anime as industrias.

Com a regencia de *D. Pedro* a industria portugueza começa a levantar-se attingindo durante o seu reinado uma importancia até nunca alcançada.

As nossas fabricas marcam a sua primeira epoca, não querendo com isto dizer que antes as não tivesse havido em Portugal, porque, como vimos, nenhuma nação logo que começou a civilisar-se deixou de as ter.

A moeda, esse indispensavel agente do commercio e da industria, deixa n'esta epoca de ser batida a martello, para ser cunhada, modificação importante para, com a serrilha, impedir o cerceamento. Foi em 1678, que o illustre terceiro conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, vedor da fazenda e director da Moeda, fez construir pela industria nacional o primeiro balancé, com o qual se cunhou moeda até 1837. [1]

Em Diu estabelece-se uma casa de bater moeda.

Foi pelo anno de 1681, que se estabeleceram fabricas de lanificios na Covilhã, Fundão e outras terras do reino, com pessoal extrangeiro; indicando se até um irlandez chamado Courteen, que estava ao serviço da rainha viuva de Inglaterra, e o qual conduzira a Portugal varios obreiros de pannos e baetas, que vieram fundar estas manufacturas, que de tal sorte prosperaram que por mais de vinte annos se suppriu todo o consumo do reino e do Brazil; contribuindo tambem para este exito a prohibição, pelo alvará de 9 de agosto de 1686, do uso de pannos que não fossem de fabrico nacional.

A industria mineira tambem lográra um certo incremento, porque o Estado, vendo-se na obrigação de utilisar os jazigos de ferro do paiz, para o fabrico d'armas, funda o celebre estabelecimento metallurgico de Machuca e mais tarde o da foz de Alge.

Em 7 de janeiro de 1690, D. Pedro II accrescenta alguns capitulos ao antigo regimento dos *trapeiros* [1]; porém essa reforma não obstou á decadencia a que chegaram os lanificios, com o tratado de 1703, pelo qual os inglezes e mais tarde os hollandezes conseguiram introduzir em Portugal os seus productos.

Por esta epoca, tendo-se esgotado a lenha nos arredores de Coina e vendo-se o proprietario da fabrica de vidros forçado a mandar vir de longe o combustivel para os fornos, o que lhe causava enormes prejuizos, resolveu mudal-a para a Marinha Grande, por ser proximo do pinhal de Leiria, onde tinha lenha em abundancia.

(Continúa). *Esteves Pereira.*

[1] Esta machina foi feita em Lisboa por um artista portuguez, de appellido Oliveira, e ainda existe. Acha-se no museu do Carmo. É de bronze e tem gravados, entre diversas ornamentações, os seguintes dizeres:

«*Sendo Regente d'estes Reinos o Principe Dom Pedro. Dom Luis de Menezes Conde da Ericeira, do seu Concelho, e vedor de fazenda da Repartisao da India mandou mudar a fabrica da moeda de martelo a esta emprensa por seevitar o cerscarse o dinheiro — Anno 1678.*»

[1] O novo regimento regulou até 1834

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

IV

— Que tens? que é? disse Ordinov, voltando a si completamente e contra si apertando sempre, estreitamente, a rapariga. Que tens Catharina? Que tens, meu amor?

Ella soluçava devagarinho, d'olhos baixos, com o rosto escondido no peito d'elle. Por muito tempo ainda ficou-se incapaz de falar, toda sacudida por um estremecimento nervoso.

— Não sei, disse por fim, suffocada pelas lagrimas, não sei, repetiu com voz mal intelligivel. Não me lembra como vim a tua casa...

E aconchegou-se ainda mais estreitamente contra elle, como obrigada por influencia irresistivel, beijou-lhe os hombros, as mãos, o peito, e depois, prostrada pelo desespero, cobriu com as mãos o rosto e apoiou a cabeça nos joelhos d'elle.

Ordinov logo a levantou e fel-a sentar-se ao pé de si; mas o rosto da rapariga continuava como banhado em vergonha e com os olhos pedia a Ordinov que não olhasse para ella; um sorriso roçava-lhe a custo pelos labios e ella parecia prestes a succumbir em novo accesso de desespero. Assaltavam-a outra vez terrores, agora affastava de si Ordinov a medo, fugia do seu olhar e a todas as perguntas que elle lhe fazia só respondia a meia voz e de cabeça baixa.

— Tiveste talvez um pesadelo, dizia-lhe Ordinov. Sonhaste? Ou então *elle* .. não foi? É elle quem te faz medo. Está com delirio? Está sem sentidos? Talvez te dissesse coisas que não devias ouvir... Foi isto?

— Não, não sonhei, respondeu Catharina, reprimindo não sem custo a agitação, nem sequer pude dormir. *Elle* ficou por muito tempo sem dar palavra. Só uma vez me chamou, cheguei-me ao pé d'elle, mas dormia; falei-lhe, mas não me respondeu, não me ouviu. Que accesso teve! Deus o ajude! Eu tinha o coração tão cheio de tão amarga angustia!... e estive a rezar muito... a rezar muito!

— Minha Catharina! minha vida!... Hontem é que deverias ter tido medo.

— Não, hontem não tive.

— *Aquillo* já tem acontecido?

— Aquillo acontece.

Estremeceu e aconchegou-se no seio de Ordinov como uma criança.

— Escuta, disse-lhe, cessando-lhe de repente as lagrimas, para alguma coisa vim a tua casa. Não era sem motivo que tanto me custava estar ali sósinha... Não chores, não chores mais pelas penas dos outros. Guarda as tuas lagrimas para os teus dias negros, quando te vires desgraçado e só, sem ninguem que te console... Dize: não tens namorada, tu?

— Não. . Não tinha... antes de ti.

— De mim?... Dizes então que eu sou a tua namorada?

E a phisionomia d'ella exprimia o maior espanto. Quiz falar, mas deixou-se d'isso e baixou os olhos. Fazia-se córada, e seus olhos illuminavam-se ainda mais scintillantes atravez as lagrimas como perolas nos cilios. Com certa malicia a que se misturava vergonha lançou um olhar para Ordinov e logo tornou a baixar os olhos.

— Não, não hei de ser eu tua primeira namorada, disse. Não, não, repetiu pensativa, emquanto um sorriso lhe descerrava os labios. Não, disse ainda a rir, mas já francamente, não serei eu, meu irmão, a tua namorada.

Ergueu os olhos. A' subita alegria succederalhe uma melancolia tão desesperada e tão presa se achava de tal excitação, que uma piedade immensa, a desarrasoada piedade que excitam os males desconhecidos, se apoderou de Ordinov que se poz a contemplar Catharina com indizivel angustia.

— Ouve o que te quero dizer, disse ella, pegando-lhe nas mãos e esforçando-se por suster os soluços. Ouve, ouve, minha alegria! Soffreia o teu coração, sê meu amigo, mas d'outra forma. Pouparás muita desgraça, livrar-te-has d'um inimigo terrivel e terás uma irmã em vez d'uma namorada. Virei a tua casa, se quizeres, serei meiga comtigo e nunca hei de ter pena de te haver conhecido. Sabes? Ha dois dias que estás doente e eu nunca te deixei! Toma-me como a tua irmãsinha. Não foi debalde que eu te chamei irmão! Não foi debalde que, chorando, resei por ti a Nossa Senhora. Nunca has de achar uma irmã assim. Uma namorada! se é uma namorada que teu coração deseja... bem pódes correr o mundo, assim nunca has de achar uma namorada. E hei de gostar de ti sempre como agora; hei de gostar de ti, porque a tua alma é pura, clara, transparente, porque, desde o primeiro dia, percebi que havias de ser o hospede da minha casa, o desejado hospede! — não foi inutilmente que pediste para entrar em nossa casa — que havia de amar-te, porque leio amor nos teus olhos, quando olham para mim, e dizem-me o teu coração. Quando os teus olhos falam comigo, sei tudo o que passa dentro em ti. E por isso queria dar-te por teu amor, minha vida e a *querida liberdadesinha* [1], porque é bom ser-se, escrava que seja, d'aquelle cujo coração é nosso... Mas a minha vida já não é minha e perdida é tambem a querida liberdadesinha. Quer-me para tua irmã e sê meu irmão. Que eu possa estar junto de teu coração, se outra vez te hão de acabrunhar doenças e desgostos. Mas faze com que eu venha a tua casa sem vergonha e sem remorso e que eu possa ao pé de ti passar como hoje a inteira noite... Escutaste-me? Abriste-me teu coração como a uma irmã? Percebeste o que eu te disse?

Mais queria ella dizer, mas olhou para elle, pozlhe a mão no hombro e, esfalfada, deixou-se por fim cahir sobre o peito de Ordinov. Expirou-lhe a voz n'um soluço apaixonado. Agitava-se-lhe o seio, brilhava-lhe o rosto como a estrella da tarde.

[1] Expressão russa.

— Vida minha!... murmurou Ordinov.

Turvava-se-lhe a vista, faltava-lhe a respiração.

— Minha alegria!

Não sabia que palavra empregar, temia ver a ventura desfazer se em fumo; julgava-se o joguete d'uma allucinação e tudo a seus olhos se fazia turvo.

— Minha rainha!... Não posso comprehender-te, já nem sei o que me acabas de dizer, perdem-se-me as idéas, doe-me o coração.

A voz esmorecia. Catharina estreitou-o ainda mais. Acabrunhado, quebrado de forças, exhausto, ergueu-se e cahiu de joelhos. Os soluços erguiam-lhe o peito e a voz, que lhe sahia directamente do coração tremia como corda de rebeca, com toda a plenitude d'um transporte desconhecido, d'um transporte e d'uma ventura desconhecidos!

— Quem és, minha querida? d'onde vieste, ó minha pomba? dizia elle, esforçando-se por comprimir os soluços. De que céo vieste a pairar no meu? Parece-me que estou vivendo n'um sonho e nem posso crer na tua existencia... Mas não ralhes comigo, deixa-me falar te, deixa-me dizer-te tudo... Ha muito que te queria falar... Quem és, quem és tu, minha alegria!... Como déste com o caminho do meu coração? Ha já muito que és minha irmã?... Conta-me a tua historia toda, como viveste até agora, o nome do sitio onde habitavas, quem primeiro amaste, que alegrias tinhas e que tristezas... Vivias n'um paiz quente, sob um céo puro?... Quem amavas tu? Quem te amou antes de mim?... Para quem, pela primeira vez, te fugiu tua alma em gritos?... Tinhas mãe? Fazia-te festas, quando eras pequenina? Ou perderam se teus primeiros olhares, como os meus, n'um deserto? Viveste sempre como hoje? Quaes eram tuas esperanças e que futuro sonhavas? Quaes dos teus desejos se cumpriram e quaes te enganaram?... Dize-me tudo!... Por quem se perturbou primeiro teu coração de creança? a quem o deste?... Que devo eu dar-te para que elle seja meu? Que devo para que sejas minha? Responde, ó minha namorada, luz dos meus olhos, irmãsinha, dize-me como hei de chegar a tocar teu coração!...

De novo aqui se lhe quebrou a voz e deixou descair a cabeça. Mas, quando ergueu os olhos um terror mudo esfriou-o subitamente e erriçaram-se-lhe os cabellos.

Catharina estava enfiada, immovel, com os labios azulados como de morta, o olhar fito e velado. Ergueu-se lentamente, deu dois passos, e, com um grito despedeçador cahiu defronte da imagem. Soltou palavras sem nexo e desmaiou por fim. Ordinov, espavorido, ergueu-a, levou-a para o leito e deixou-se ficar ao pé d'ella, interdito, sem saber que faria. Um instante depois, Catharina abriu os olhos, soergueu-se no leito, olhou em volta e depois, pegando na mão de Ordinov, puxou-o para si, tentando falar. Mas a voz faltou-lhe e então desatou a soluçar. Suas lagrimas queimavam a mão de Ordinov.

— Doe-me... doe-me... tartamudeava ella com infinita afflicção. Vou morrer...

Mais queria dizer, mas a lingua inteiriçou-se-lhe e não poude articular mais palavra. Olhou com desespero para Ordinov que não a percebia. Approximou-se mais e tentou escutar... Percebeu emfim que ella dizia com voz muito baixa, mas clara:

— Embruxaram-me! Embruxaram-me e perderam-me!

Ordinov ergueu a cabeça e olhou para a rapariga com feroz espanto. Atravessou-lhe o espirito uma lembrança horrivel, que seu rosto traduzia por um convulso fremito.

— Sim, embruxaram-me, continuou ella, esse homem máo embruxou-me *elle*, foi elle quem me perdeu!.. Vendi lhe a minh'alma... Mas porque foi, porque foi que me lembraste minha mãe? Porque me has de atormentar tambem tu? Deus te julgue e te perdôe.

E poz se outra vez a chorar.

— Diz elle, continuou ella em voz baixa e tom misterioso, que, quando for morto, ha de vir buscar a minha alma peccadora... Eu sou d'elle, que elle tomou posse da minh'alma e atormenta-me! Lê-me coisas nos livros .. Aqui tens, olha, aqui tens o livro d'elle! o livro d'elle!... Diz elle que commetti um peccado mortal... Olha, então, olha...

Dava-lhe um livro. Ordinov não viu onde ella o tinha ido buscar; pegou n'elle machinalmente e abriu-o. Era um volume parecido com o dos velhos *Raskolniki* [1]. Mas não podia fixar a attenção, e deixou cahir das mãos o livro. Estreitou Catharina docemente e procurou socegal-a.

— Vamos, dizia, pregaram-te um susto, mas agora estou eu ao pé de ti, põe o descanço de todas tuas coisas em mim, minha irmã, meu amor, minha luz.

— É que tu não sabes nada, *nada!* respondeu ella engryphando as mãos nas de Ordinov. Sou sempre assim!... Tenho sempre medo... E vou então a casa d'elle. Umas vezes para me desassombrar faz-me encantamentos, outras vezes pega no livro, no maior, *e lê sobre mim*. São coisas graves sempre, terriveis! Não sei o quê, nem sempre percebo, mas redobram o meu pavor. Parece-me que não é elle quem fala, mas alguem muito máo, que debalde seria implorado e apasiguado por ninguem... e sinto um peso, um peso no coração!... E mais me doe então, mais do que d'antes.

(*Continua*).

[1] Seita de velhos crentes que conservam as escripturas como antes das correcções do patriarcha Nikon.

JERUSALEM